

Sartre e a Teoria das Emoções: estudo preliminar

Sartre and the Theory of Emotions: preliminary study

CAROLINE DE PAULA BUENO¹

Resumo: O objetivo desse estudo consiste em reconstituir, via a perspectiva sartriana, um panorama preliminar acerca da teoria clássica das emoções sob o ponto de vista crítico, é claro, de sua ontologia fenomenológica existencial. Para tanto, trata-se, para Sartre, de compreender o fenômeno da emoção como uma essência transcendental evitando, desse modo, pressupô-la fundada por meio da dicotomia entre fisiologia e psicologia. Outro tópico que será explanado sobre a consciência da emoção visa abordar a experiência do mundo que nos cerca. Por meio dessa vivência, o indivíduo acerca-se do mundo em sua totalidade, compreendendo que ele próprio é um agente transformador, para, assim, poder, de fato, agir. Aos olhos de Sartre, a emoção é uma forma de existir da consciência.

Palavras-chave: Fenomenologia. Psicanálise. Sartre. Teoria das Emoções.

Abstract: The objective of this study is to reconstitute, through the Sartrian perspective, a preliminary view of the classical theory of emotions from the critical point of view, of course, on its existential phenomenological ontology. Therefore, it is for Sartre to understand the emotion of the phenomenon as a transcendental essence avoiding thus presuppose it founded by the dichotomy between physiology and psychology. Another topic that will be explained about the awareness of emotion is to approach the experience of the world around us. Through this experience, the about is the individual the world in its totality, understanding that he himself is a transforming agent, in order to be able, in fact, to act. In Sartre's eyes, emotion is a way of existing consciousness.

Keywords: Phenomenology. Psychoanalysis. Sartre. Theory of Emotions.

Introdução

O *Esboço para uma teoria das emoções* (2008), obra elaborada ainda na juventude de Sartre, constitui um projeto pioneiro que recebe forte influência por conta do impacto da recepção crítica de autores como Kant, Hegel, Husserl e Heidegger. Jean-Paul Sartre publicou esse trabalho, em 1940, como uma forma de reflexão sobre a Psicologia e, principalmente, como uma estratégia de apropriação da Fenomenologia de Husserl.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui visa reconstituir, em linhas gerais, as teorias psicológicas clássicas, as teorias psicanalíticas e, sobretudo, a teoria fenomenológica, visto que, para o filósofo francês, essa última consiste no estudo acerca dos fenômenos e não simplesmente dos fatos, pois uma emoção é precisamente uma

¹ Graduanda do quarto ano de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/PR. cursando o segundo ano em Filosofia pela Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de licenciatura em filosofia da Unioeste, desde maio de 2016. O artigo é resultado parcial do projeto de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. E-mail: carol_bueno14@hotmail.com

consciência. É que a emoção possui essência própria e, por isso, seria improvável que ela venha de outro lugar que não seja a realidade do indivíduo.

No capítulo intitulado “Teorias Clássicas”, Sartre faz uma crítica aos psicólogos James, Janet e Wallon, visto que esses teóricos entendem as emoções como uma desordem fisiológica. Assim, tais desordens podem ser verificadas clinicamente, razão pela qual são consideradas como formas de conduta menos adaptadas, ou seja, como condutas malogradas. Tais teóricos, no entanto, não explicam porque há tantas condutas que terminam em fracassos.

Já na teoria psicanalítica, a maior crítica de Sartre é quanto à forma de postular as significações para que, a partir disso, se possa compreendê-las. Também há a crítica quanto aos psicanalistas visto que, para estes, todo o estado de consciência só se revela devido a outros meios (como uma vivência inconsciente) que não a própria consciência.

Por fim, procuramos fazer um paralelo entre a teoria fenomenológica de Sartre e as considerações de Goldstein, uma vez que ambos os autores abordam as emoções como uma forma do indivíduo transformar o mundo em que está inserido.

Diferenciação entre psicologia, fenomenologia e psicologia fenomenológica

Sartre faz uma diferenciação entre Psicologia, Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica, sendo que em sua obra *Um esboço para uma teoria das emoções*, elenca diversas críticas às áreas Psi, já que os psicólogos buscam determinar seus objetivos sem levar em conta os fatos (SARTRE, 2014).

Para que se atinja o objetivo essencial dessa teoria acerca das emoções é necessário que se baseie em fatos. Ora, problematiza Sartre,

Se nos perguntarmos o que é um fato, vemos que ele se define como algo que se deve encontrar no curso de uma pesquisa, apresentando-se sempre como um enriquecimento inesperado e uma novidade em relação aos anteriores. Portanto, não se deve esperar dos fatos que eles se organizem por si mesmos numa totalidade sintética que forneceria, por si mesma, sua significação (SARTRE, 2014, p. 14).

Dessa forma, segundo o ângulo crítico sartriano, podemos classificar os psicólogos como positivistas, visto que eles entendem o homem por um meio exclusivamente empírico. Tais autores também admitem que “o homem tem emoções porque a experiência lhe ensina isso. Em função disso, a emoção é, primeiramente e por princípio, um acidente” (SARTRE, 2014, p.18).

Sendo assim, por meio dessas críticas a toda forma de psicologismo e naturalismo (como é o caso do Behaviorismo); críticas tais já formuladas, como se sabe, por Husserl, não se trata de renunciar totalmente a ideia de experiência, mas, sim, de compreender que é somente por meio das essências que se torna possível

revelar o sentido último dos fatos. Esses fatos devem remontar anteriormente ao psiquismo, isto é, um retorno à ideia de uma consciência depurada de toda empiria.

Já, na fenomenologia de Heidegger, uma inflexão importante ocorre no projeto do idealismo husserliano, a partir do momento em que se leva em consideração a condição de “existente” do homem, em que a “realidade humana é por essência sua própria possibilidade, esse existente pode “escolher-se” ele próprio em seu ser, pode ganhar-se, perder-se” (HEIDEGGER, 1976, p. 41). Já Sartre, por sua vez, situa essa reviravolta nos seguintes termos; Existir é sempre assumir seu ser, isto é, ser responsável por ele em vez de recebê-lo de fora como faz uma pedra (SARTRE, 2014, p. 22).

Sob esse prisma, é preciso que os homens passem a compreender seu verdadeiro *eu*, pois, “me faço homem ao compreender-me como tal” (SARTRE, 2014, p. 23). Por isso, a fenomenologia não baseia seus estudos nos fatos, mas nos fenômenos; fenômenos tais que desvelam seu verdadeiro ser, considerando o existir, só que numa perspectiva mais radical ainda que a de Husserl. Ainda no campo da fenomenologia, Sartre avalia que a emoção como uma consciência, compreende que todo fato humano é, por essência, significativo.

Nesse ponto, fica claro uma diferença fundamental entre os psicólogos e os fenomenólogos. Os primeiros definem as emoções como inativas, não psíquicas e inumanas; já os segundos descrevem as emoções como uma realidade humana e por isso, impossível de serem classificadas como desordens psicofisiológicas, ou seja, a emoção e descreve uma forma organizada da existência humana (SARTRE, 2014).

As teorias clássicas

Ainda no contexto das críticas à Psicologia no que diz respeito a esse primeiro capítulo (Teorias Clássicas), Sartre empreende uma breve comparação entre três dos principais estudiosos do período: James, Janet e Wallon.

Para James, a emoção é como uma desordem fisiológica. Ele apoia esse princípio explicativo mediante à capacidade de verificação de tais distúrbios fisiológicos. É o que, por exemplo, ocorre nas manifestações tidas por ele como fisiológicas como a alegria, a cólera, etc.

O segundo teórico, Janet, postula uma teoria que difere de James no exato ponto em que afirma que as emoções representam uma conduta menos adaptada do indivíduo. Elas, portanto, constituiriam uma conduta de desadaptação ou uma conduta de fracasso. Janet traz como exemplo o caso do choro e a crise de nervos como um comportamento típico dessa ordem.

Se termos em conta o que é o fracasso, é necessário reconhecer a sua significação perante à consciência. É a partir da significação que podemos traçar um parâmetro de uma conduta superior e, por meio disso, melhor compreender se algo

constitui um fracasso ou não. Outro aspecto que é visado pelas teorias de Janet, é que, diferente dos outros dois autores, (James e Wallon), criticados por Sartre, é que Janet é elogiado pelo autor de *Esboço para uma teoria das emoções* por ter reintegrado o psíquico na emoção. A dimensão psíquica se revela, portanto, como a própria consciência vivida da emoção.

Por fim, a crítica exposta é sobre as teorias de Wallon, que reduziu as teorias de Janet a behaviorismo puro. Sua teoria só se diferencia da de James por supor uma unidade orgânica que ligaria todas as manifestações emotivas. Segundo Sartre, Wallon falhou em suas tentativas de reintroduzir o psiquismo e também por não explicar por que há diversas condutas de fracasso.

A teoria psicanalítica

A emoção deve necessariamente passar pela significação para que possamos compreendê-la. Sartre tem em vista isso quando escreve:

Explicaríamos assim este caráter essencial da emoção: ela é sofrida, ela surpreende, ela se desenvolve segundo leis próprias e sem que nossa espontaneidade consciente possa modificar seu curso de um modo muito apreciável (SARTRE, 2014, p. 48).

Nesse ponto de sua obra, Sartre reconhece que a psicologia psicanalítica foi precursora no intuito de valorizar o psiquismo e sua significação. A Psicanálise fora também quem, primeiramente, levou em conta o estado de consciência além dele próprio. Nessa medida, os psicanalistas compreendem as emoções como um fenômeno que pode significar uma recusa ou uma censura, ou seja, as emoções revelam uma forma de fuga perante algum fator não agradável; porém estas nem sempre significarão uma evasão/fuga de algo.

Nessa perspectiva, avalia Sartre, podemos perceber que “a interpretação psicanalítica concebe o fenômeno consciente como a realização simbólica de um desejo recalcado pela censura” (SARTRE, 2014, p. 49). No momento que essa consciência se transfigura mesmo que implicitamente um desejo, Sartre observa que estaríamos agindo de má-fé. É justamente esse aspecto que, em geral, os psicanalistas não compreendem.

Além disso, quando se entende que a consciência está relacionada com o significado, pode-se dizer que a consciência constitui como forma de significação sem ser consciente de sua constituição. Ora, isso poderia ser considerado como uma contradição, sem dúvida, aos olhos dos psicanalistas. Para Sartre, é preciso compreender a consciência a partir dela mesma, isto é, segundo seus fatos, sua significação e seu significado (SARTRE, 2014).

A teoria fenomenológica

Sobre a teoria fenomenológica, Sartre inicia sua crítica aos psicólogos em relação à percepção das emoções, visto que, para eles, a consciência da emoção se anuncia, inicialmente como uma consciência reflexiva. Em contraponto a esse postulado, Sartre afirma que:

A consciência emocional é primeiramente irrefletida e, nesse plano, ela só pode ser consciência dela mesma no modo posicional. A consciência emocional é, em primeiro lugar, consciência do mundo. Não é sequer necessário ter presente toda a teoria da consciência para compreender claramente esse princípio (SARTRE, 2014, p. 55-56).

A emoção é uma forma de apreender o mundo, pois ela está inserida nesse mundo de forma que tal interação faz com que essa percepção esteja sempre presente. Não podemos, porém, tomar como verdade as explicações pelo hábito daquela determinada ação, postulando-a como inconsciente, haja vista que, se tomarmos a escrita como exemplo, podemos estar acostumados a escrever; entretanto, a ordem e as palavras escolhidas para serem escritas não podem ser inconscientes. Conforme Sartre, isso seria um absurdo (SARTRE, 2014).

Outro ponto relevante é perceber que as ações revelam, de certa forma, uma consciência espontânea irrefletida. Por isso, elas constituem parte da existência no mundo, ou seja, consciência irrefletida não pode ser inconsciente, pois é inerente a ela mesma uma forma de consciência que transcende a si própria e se percebe como uma qualidade de ser (SARTRE, 2014).

Sob essa ótica, podemos considerar que a emoção, em termos sartrianos, conota uma forma de transformação de mundo. Dessa maneira, é a emoção dirigida pela consciência que faz com que suas relações com o mundo transforme sua qualidade primeira. Ora, esse aspecto da teoria sartriana vai de encontro com a perspectiva pela qual Goldstein entende as emoções, como bem comenta Sass (2015, p. 107):

Para ele (Goldstein), a emoção seria uma atitude concreta, que serviria para proteger o agente dos perigos reais ou imaginários que o atormentariam. [...] Essa relação valorizada pelos dois teóricos das emoções admite uma verdadeira transformação do mundo vivido.

Tomemos como exemplo a situação de um indivíduo que, em frente ao perigo de ataque, aja por meio de um medo passivo, e por isso acaba desmaiando. Ora, esse desmaio, descreve Sartre (2014), é uma forma que sua consciência utilizou para suprimir a própria consciência do ataque.

Em contrapartida ao medo passivo, podemos verificar a fuga; a fuga para Sartre seria como um desmaio, só que de uma maneira ativa. Ela é uma forma que sua consciência encontrou de negar esse perigo ao tentar criar outra direção para que essa fuga ocorra. Em função disso, pode-se dizer que é uma forma de esquecer ou de negar

esse perigo, sendo que pode ocorrer para um mundo mágico ou um mundo mais fácil e menos exigente do que se está acostumado na vida cotidiana (SASS, 2015).

A segunda emoção abordada por Sartre é quanto à tristeza. Ora, essa, no entanto, pode se revelar como passiva ou ativa:

A tristeza visa a suprimir a obrigação de buscar esses novos meios, de transformar a estrutura do mundo substituindo sua constituição presente por uma estrutura totalmente indiferenciada. Trata-se, em suma, de fazer do mundo uma realidade afetivamente neutra, um sistema de equilíbrio afetivo total, de abandonar os objetos com forte carga afetiva, de levá-los todos ao zero afetivo e, desse modo, apreendê-los como perfeitamente equivalentes e intercambiáveis (SARTRE, 2014, p. 67).

Ainda sobre a tristeza, podemos classificar a tristeza passiva como uma forma do indivíduo se distanciar do mundo, isto é, de se proteger das coisas que ele tem ou não controle. Já na tristeza ativa, há o fenômeno da recusa, isto é, que consiste em negar uma atitude que não se deseja ou, algo que tenha que enfrentar. É válido salientar que esses medos e tristezas elencados não são as únicas maneiras que existem. Em cada caso, os medos e as tristezas podem se apresentar de um tipo diferente, visto que, “a emoção não é simplesmente representada, não é um comportamento puro: é o comportamento de um corpo que se acha num certo estado” (SARTRE, 2014, p. 75).

Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos definir a teoria das emoções, para Sartre, como a maneira de apreender o mundo; entretanto a emoção não necessariamente deve ocorrer de forma consciente de si como um agente transformador, mas ela deve ser concebida como um agente transformador do mundo.

Portanto, a consciência deve transcender ela mesma². Essa consciência só poderá transcender-se se ela for um objeto que sofra modificações de passividade, pois as modificações não são acidentais, uma vez que elas devem estar mergulhadas em um mundo inalterado. Desse modo, pelo fato de a consciência não ser um acidente, é que pode ser dita de existência da consciência, ou seja, do indivíduo “ser-no-mundo” (SARTRE, 2014).

Vimos, então, que Sartre rompe tanto com as outras teorias da psicologia quanto a como elas percebem as emoções, sendo que as teorias clássicas compreendem as emoções de acordo com os fenômenos fisiológicos. Já a teoria psicanalítica postula que é preciso que as emoções passem, fundamentalmente, pela significação para que se possa compreendê-las³. Sendo que, em determinados casos,

² Ver, por exemplo, *A transcendência do ego*.

³ Ver também o discurso levado a termo por Sartre, em *O ser e o nada* acerca da teoria psicanalítica no

ela pode até ser empregada fuga diante de uma revelação a ser feita. Assim, esse fenômeno pode ser visto simbolizar um desejo recalcado pela censura.

Referências

BELO, Renato dos Santos. “Em torno da teoria das emoções de Sartre”, in *Revista Kínesis*, Vol. 6, nº11, p. 17-33, jul/2014.

GOLDSTEIN, Kurt. *Selected papers*. Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego*. Tradução de Pedro Manuel dos Santos Alves Lisboa: Colibri, 1994.

_____. *O ser e o nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica*. 15. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SASS, Simeão Donizeti. “Goldstein e Sartre: considerações acerca das emoções”. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Vol. III, nº 2, p. 103-112, 2015.

Submissão: 30.04.2017 / Aceite: 15.05.2017